

“CORRENDO PARA ALCANÇÁ-LO”
Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rímíni, 4 de abril de 2014

Notas da introdução de Julián Carrón

“Correndo para alcançá-Lo”.¹ A quem de nós não agradaria estar aqui esta noite com a mesma face toda aberta, toda tensa, toda desejosa, plena de admiração, de Pedro e João a caminho do sepulcro, na manhã da Páscoa?² Quem de nós não desejaria estar aqui com essa tensão buscando Cristo, como vemos nas faces deles? Com o coração pleno daquela espera de encontrá-lo de novo, de revê-lo, de ser atraído, fascinado como no primeiro dia?

Mas quem de nós espera verdadeiramente que possa acontecer algo assim? Como eles, nós também temos dificuldade de dar crédito ao anúncio das mulheres, dificuldade de reconhecer o fato mais desconcertante da história, de dar-lhe espaço dentro de nós, de hospedá-lo no coração para que nos transforme. Nós também, como eles, sentimos a necessidade de ser novamente agarrados, para que desperte em nós toda a saudade de Cristo.

Peçamos juntos ao Espírito Santo que desperte em cada um de nós a espera, o desejo d’Ele.

Ó Vinde Espírito Criador

Bem-vindos!

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão conectados conosco de diversos países e todos os que vão fazer, depois, os Exercícios nas próximas semanas.

Dois fatos marcaram a nossa caminhada juntos, nos últimos meses: a Jornada de Início de Ano e a minha audiência com o Papa Francisco.

Na Jornada de Início de Ano colocamos como tema duas perguntas: “Como se faz para viver? O que estamos fazendo no mundo?”. Ao nos fazermos essas perguntas, naquela ocasião, vimos que aquilo de que mais precisamos é nos tornar cada vez mais uma presença original, não reativa. Dom Giussani nos recordava: “Uma presença é original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição por ela, e nisso encontra a sua consistência”.³

Desde então se passaram vários meses, fomos desafiados por muitos eventos. O que aconteceu diante das provocações das quais o real não nos poupou? Estes dias são uma ocasião preciosa para ver qual foi a verificação que fizemos da proposta. O golpe desses desafios fez emergir a nossa originalidade? Verificamos a nossa consistência ou nos deixamos levar pela mentalidade de todos, não conseguindo ir além de uma posição reativa?

A audiência com o Papa Francisco, cujo conteúdo foi retomado na carta que a seguir enviei à Fraternidade, colocou em evidência desde o primeiro instante o que mais importa ao Santo Padre como pastor de toda a Igreja. Não me parece supérfluo retornar sobre isso no início dos nossos Exercícios.

O que mais importa ao Papa? Ele nos disse com seu modo sintético: a nova evangelização, a urgência de “despertar no coração e na mente dos nossos contemporâneos a vida de fé. A fé é um dom de Deus, mas é importante que nós, cristãos, mostremos que vivemos de modo concreto a fé através do amor, da concórdia, da alegria, do sofrimento,

¹ *Fil* 3,12.

² Ver o quadro de Eugène Burnand (1850-1921): *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, óleo sobre tela, 1898, Museu d’Orsay, Paris.

³ L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza* (1975-1978), Bur, Milão, 2006, p.52.

porque isso suscita perguntas, como no início do caminho da Igreja: por que eles vivem assim? O que os move? [...] [O] coração da evangelização [...] é o *testemunho* da fé e da caridade. Aquilo de que necessitamos, especialmente nestes tempos, é de testemunhas críveis, que com a vida e também com a palavra tornem visível o Evangelho, despertem a atração por Jesus Cristo, pela beleza de Deus. [...] É necessário cristãos que tornem visível aos homens de hoje a misericórdia de Deus, a sua ternura por cada criatura”.⁴

Portanto, o que mais importa ao Papa é a missão: “A nova evangelização é um movimento renovado rumo àqueles que perderam a fé e o sentido profundo da vida. Este dinamismo faz parte da grande missão de Cristo, de anunciar a vida ao mundo, o amor do Pai pela humanidade. O Filho de Deus ‘saiu’ da sua condição divina e veio ao nosso encontro. A Igreja encontra-se no interior deste movimento, e cada cristão é chamado a ir ao encontro do seu próximo, a dialogar com aqueles que não pensam como nós, com aqueles que seguem outro credo ou que não têm fé. É preciso encontrar a todos, pois todos temos em comum o fato de termos sido todos criados à imagem e semelhança de Deus. Podemos ir ao encontro de todos, sem medo e sem renunciar à nossa pertença”.⁵

O Papa identificou com clareza também o método: o apelo ao essencial. Ir “até as periferias da existência”, escreve, “exige o empenho [...] que chame ao essencial e que esteja *bem centrado no essencial, isto é, em Jesus Cristo*. Não adianta perder-se em muitas coisas secundárias e supérfluas, mas se concentrar na realidade fundamental, que é o encontro com Cristo, com a sua misericórdia, com o seu amor, e amar os irmãos como Ele nos amou”; isto “nos impulsiona também a percorrer caminhos novos com coragem, sem nos fossilizarmos! Poderíamos perguntar-nos: como é a pastoral das nossas dioceses e paróquias? Ela torna visível o essencial, ou seja, Jesus Cristo?”.⁶

Na carta após a audiência eu escrevi: “Peço-lhes que acolham como dirigida a nós – especialmente a nós que nascemos somente para isto, como testemunha toda a vida de Dom Giussani – a pergunta do Papa Francisco: cada um de nós, cada comunidade do nosso Movimento, ‘torna visível o essencial, isto é, Jesus Cristo?’”.⁷ Diante das circunstâncias históricas através das quais o Mistério desafiou cada um de nós, tornamos visível o essencial, ou nos perdemos em tantas coisas secundárias e supérfluas?

Com o seu apelo ao essencial, o Santo Padre nos indica para onde ele olha a fim de responder ao desafio de viver hoje a fé no nosso mundo. O apelo ao essencial é uma indicação de método crucial.

Por isso, a questão fundamental é: o que, para nós, é o essencial? O essencial é o que responde a pergunta sobre como se faz para viver. O que é o essencial para cada um de nós? Nenhuma pergunta é mais pertinente do que essa para o início dos nossos Exercícios, justamente pela sua radicalidade. “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará um e amará o outro, ou se afeiçoará a um e desprezará o outro.”⁸ Essa frase de Jesus nos indica que cada um de nós só pode afirmar uma coisa como última, de tanto que a unidade do eu humano é indiscutível. Por isso, diante da provocação do viver, cada um é obrigado a decidir o que realmente importa em última instância. O choque das circunstâncias não nos deixa saída, nos obriga a desvelar a coisa mais cara que possuímos.

Como podemos surpreender, sem erro, o que é, para nós, o essencial? O método sempre nos foi ensinado por Dom Giussani: surpreendendo-nos em ação, na experiência. “Porque os

⁴ Francisco, *Discurso aos participantes da Plenária do Pontifício Concílio pela Promoção da Nova Evangelização*, 14 de outubro de 2013, 1.

⁵ *Idem*, 2.

⁶ *Idem*, 3.

⁷ J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 16 de outubro de 2013.

⁸ Mt 6,24.

fatores constitutivos do humano são percebidos [e nos tornamos conscientes deles] quando estão empenhados na ação, de outro modo, não são encontráveis [...]. Quanto mais alguém está comprometido com a vida, tanto mais percebe também em cada experiência os próprios fatores da vida. A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência, produzindo nela problemas em variada medida. O problema nada mais é que a expressão dinâmica de uma reação diante dos encontros. A vida é, portanto, uma trama de problemas, um tecido de eventos reativos aos encontros provocantes, pouco ou muito provocantes. O significado da vida – ou das coisas mais pertinentes e importantes da vida – é um ponto de chegada possível somente para quem leva a sério a vida, seus acontecimentos e encontros, isto é, para quem está comprometido com a problemática da vida. Estar comprometido com a vida não significa um compromisso exasperado com um ou outro de seus aspectos: o compromisso com a vida nunca é parcial. O compromisso com um ou outro aspecto da vida, se não for vivido como derivação de um compromisso global com a própria vida, correrá o risco de tornar-se uma parcialidade desequilibrante, uma fixação ou uma histeria. Lembro um pensamento de Chesterton: ‘O erro é uma verdade que enlouqueceu’’. Por isso, ‘‘a condição para poder surpreender em nós a existência e a natureza de um fator sustentador e decisivo como o senso religioso é o compromisso com a vida inteira, na qual tudo está compreendido: amor, [trabalho], estudo, política, dinheiro, até a comida e o repouso, sem nada esquecer – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência. Dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino’’⁹.

Então, o que acontece quando alguém se empenha com todos os fatores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais a pessoa vive, mais aparece diante dos seus olhos qual é a natureza da sua necessidade. E quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais percebemos que não as podemos resolver sozinhos, nem podem fazê-lo os outros, homens como nós, pobres como nós: ‘‘O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade. É este sentimento de impotência que gera a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada sério empenho com a própria humanidade’’¹⁰.

Justamente este sentimento de impotência, no qual consiste ultimamente a solidão, e do qual cada um de nós faz experiência na vida, é o que precisa encontrar resposta. Sem essa resposta, todo o resto é distração.

Estamos sós com a nossa necessidade, o que depois foi documentado em muitas perguntas que emergiram nestes meses. Bem, se esta é a nossa situação, o que nos permite ficar de pé? Em outras palavras: o que é o essencial de que precisamos para viver como homens, segundo toda a profundidade da nossa exigência? O que é *para nós* o essencial? Não há outro modo de colher o que é essencial para nós a não ser surpreendendo na experiência de onde nós esperamos a resposta à necessidade do viver.

Pode ser fácil e até mesmo óbvio pela educação que recebemos, responder de imediato que para nós o essencial é Cristo, a presença de Cristo. Porém, não podemos nos safar assim tão facilmente. Uma resposta mecânica não basta. De fato, muitas vezes, observando-nos em ação, devemos nos render à evidência de que o essencial, para nós, está em outro lugar.

O critério para descobri-lo nos é dado pelo Santo Evangelho: ‘‘Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração’’.¹¹ Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o

⁹ L. Giussani, *O senso religioso*, Universa, Brasília, 2009, pp.62-63.

¹⁰ L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2006, pp. 105-106.

¹¹ Mt 6, 21.

essencial da vida e a surpresa de que muitas vezes na experiência não é bem assim. Aqui emerge a diferença entre intenção e experiência. Podemos descobrir, então, que, mesmo em boa fé, o essencial se tornou outra coisa e não é mais Cristo; e tendemos para outra coisa, talvez até em nome daquele essencial que continua, de qualquer modo, a ser citado em nossos discursos.

É decisivo captar o que estamos dizendo para não reduzir logo tudo ao problema dos nossos erros ou das nossas fragilidades quotidianas, das nossas incoerências morais. Quando se sublinha a distância entre intenção e experiência, o tema não é, antes de tudo, a coerência, não é quantas vezes erramos, mas o que nos define até quando erramos; ou seja, o tema é o conteúdo da autoconsciência, qual é o real ponto de consistência, o que nós efetivamente perseguimos e amamos na ação, o que é para nós o essencial. De fato, podemos ser incoerentes e ser centradíssimos no essencial, como a criança – de que tantas vezes nos falou Dom Giussani –, que apronta todas, enlouquece a mãe mil vezes ao dia, mas no centro do seu olhar não há nada mais do que a mãe. Ai se a levam para longe da mãe! Berra, se desespera.

Por isso, a defasagem entre intenção e experiência não tem nada a ver com a discrepância entre teoria e aplicação, mas indica que o conteúdo de consciência e de afeição, “de fato”, (se tornou) um outro, além da coerência-incoerência ética. É como dizer que, sem perceber, muitas vezes nos deslocamos, orientamos o nosso olhar para outro lado, estamos centrados em outro (o essencial não foi negado, mas se transformou num *a priori*, num postulado que ficou para trás e não define quem somos, a nossa identidade pessoal e o nosso rosto hoje no mundo).

A nossa história demonstrou isso, de modo particularmente evidente, em alguns momentos, como veremos amanhã. Basta, agora, recordar o que Dom Giussani nos disse, como destacamos na Jornada de Início de Ano: “O projeto tinha substituído a presença”¹², sem que tivéssemos percebido.

O que nos permite olhar isso, olhar tudo, até mesmo os erros, até mesmo essa falta de autoconsciência, sem medo, livres da tentação de se justificar (como os publicanos, que iam a Jesus porque só com Ele podiam ser eles mesmos, sem negar nada de si; por isso O procuravam, por isso tinham necessidade de voltar para Ele: para finalmente poderem ser eles próprios)? A certeza da Sua aliança, a certeza de que Ele tomará também os nossos erros como ocasião para nos fazer descobrir a Sua diversidade, quem é Ele. A certeza desse amor define a aliança que Deus fez conosco, como lembra o profeta Isaías: “Assim diz o Senhor: ‘No tempo da graça eu te escutei no dia da salvação eu te ajudei. Eu te guardei e coloquei como aliança entre o povo, para reergueres o país, devolveres as propriedades arrasadas, para dizeres aos cativos: ‘Saí livres!’’, aos presos em cárcere escuro: ‘Vinde para a luz!’ Por todo o caminho terão o que comer, em qualquer chão seco poderão se alimentar; jamais terão fome ou sede, sol ou calor não os atingirá, pois Aquele que deles se condeu é que vai conduzindo este povo, ele os guia para as fontes de água. Transformarei minhas montanhas em caminhos, vão surgindo os aterros de minha estrada. E uns, então, vêm do oriente, outros do norte, outros do lado do mar e outros da terra de Assuã.’ Dá louvores, ó céu! Fica feliz, ó terra! Montanhas, soltai gritos de louvor, pois o Senhor vem consolar seu povo, mostrar ternura para com seus pobres”¹³.

Contudo, apesar dessa preferência, nós desafiamos o Senhor com as nossas conversas fiadas: “Sião disse: ‘O Senhor me abandonou, o Senhor se esqueceu de mim’”¹⁴. Quantas vezes pensamos assim! A essa provocação Deus poderia reagir como nós, com a costumeira reatividade, enfurecendo-se; mas Ele nos surpreende sempre com uma presença toda original,

¹² L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 64.

¹³ *Is* 49,8-13.

¹⁴ *Is* 49, 14.

irredutível. Em vez de se deixar determinar pelas nossas conversas fiadas, por aquilo que dizemos d’Ele ou pensamos, aproveita a ocasião para mostrar mais uma vez a Sua diversidade, desafiando a nossa razão de um modo desconcertante: “Por acaso uma mãe se esquece do seu filho, não se comove com o filho do seu ventre? Mesmo que ela se esquecesse, eu não te esquecerei jamais”.¹⁵

O que seria da nossa vida se não pudessemos ouvir uma vez mais essas palavras! Essa é a Sua fidelidade, que nos permite olhar tudo, que nos permite deixar entrar a Sua própria presença na vida, a única que pode reduzir cada vez mais a distância entre a intenção e a experiência, porque nos torna possível uma experiência de unidade do viver como aquela que experimentavam os publicanos encontrando Jesus. Por isso voltavam para Ele, como nós voltamos, esperando ouvir “aquela palavra que [...] me libertou”, “por aquela esperança que Ele havia suscitado em nós”.¹⁶

É esta a unidade de vida que todos desejamos: “O adulto é quem alcançou a unidade de vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão”.¹⁷ É o que todos desejamos: esta unidade de vida. Só assim poderemos ser verdadeiramente nós mesmos e a nossa presença poderá ser útil para nós e para os outros. Como recordava Dom Giussani a certa altura da nossa história – foi em 1977 –, “nestes últimos anos passados nós fomos verdadeiramente vítimas da presunção do Movimento como panaceia para a Igreja e para a Itália. Mas [...] se o Movimento não for a experiência da fé como solucionadora, como iluminadora das minhas problemáticas, também não pode ser uma proposta para os outros”,¹⁸ dizia Dom Giussani. Por isso desejava que a fé se tornasse uma experiência e nos ensinou sempre que o caminho para adquiri-la não é outro senão a personalização da fé. “‘É chegado o momento da personalização [...] do acontecimento novo que nasceu no mundo, do fator de protagonismo novo da história, que é Cristo, na comunhão com aqueles que o Pai lhe entregou’. [...] Giussani sublinha que é um problema de experiência: ‘A primeira coisa em que temos que nos ajudar é confirmar que o principio de tudo é a experiência [...]. O conceito de experiência é provar julgando’.”¹⁹

Sem que a fé se torne experiência pessoal não existe a missão, e acabamos nos tornando pretensiosamente juizes de tudo. Porque a proposta passa através da minha humanidade mudada, e “o ímpeto da missão é uma gratidão, caso contrário é uma presunção”.²⁰ Isto faz entender que hoje a única posição adequada é o testemunho, como nos lembra o Papa. A razão ainda é Dom Giussani que nos recorda: “Numa sociedade como esta não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organização ou iniciativa que permanece. É só uma vida diferente e nova que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, tudo, enfim. E a vida é minha, irredutivelmente minha”.²¹ Esta frase é belíssima!

É preciso a vida! Não basta a dialética. No entanto, há quem pense que o testemunho, isto é, a vida, a experiência do viver, seja uma escolha de “renunciadores”, intimista, uma justificação da falta de empenho. Não há nada mais errado. O testemunho é, na realidade, a escolha mais exigente, porque requer um empenho mais totalizante do que qualquer outra opção. Exige tudo de nós, não só um retalho de tempo que decidimos dedicar a um projeto qualquer. O testemunho é para pessoas que querem viver à altura da própria humanidade,

¹⁵ Is 49, 15.

¹⁶ Cf. C. Chieffo, “Ballata del’uomo Vecchio” e “Il monologo di Giuda”, *Canti*, Società Cooperativa Ed. Nuovo Mondo, Milão, 2014, p. 218 e p. 230.

¹⁷ Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), Arquivo histórico do Movimento de Comunhão e Libertação (AMCL), fasc. CL/81, “Conselho, 18/19 de junho de 1977”.

¹⁸ FCL, AMCL, fasc. CL/85, “Centro, 17.11.77. Síntese”.

¹⁹ A. Savorana, *Vita di don Giussani*, Rizzoli, Milão, 2013, p. 762.

²⁰ FCL, AMCL, fasc. CL/85, “Centro, 17.11.77. Síntese”.

²¹ “Movimento, ‘regra’ de liberdade”, por O. Grassi, *Litterae Communionis CL*, novembro de 1978, Milão, p. 44.

requer que se esteja presente com todo o nosso ser ao encontrar o outro, levando-lhe uma novidade vivida de modo tão radical que ele possa despertar em toda a sua humanidade, de homem para homem. “Deus salva o homem através do homem”²², como lemos na Escola de Comunidade. É preciso toda a minha humanidade. É necessária toda a dor da nossa amiga Natascha [de Bolonha] frente ao seu filho para fazer nascer uma nova seção de patologia neonatal. Não basta uma conferência *pro life*. O testemunho não é se colocar à margem ou retirar-se da batalha: exige o empenho de toda a minha humanidade: energia, afeição, inteligência, tempo, unidade do viver. Bem diferente de espiritualismo! Bem diferente de delegar a algum especialista a solução da nossa vida!

Por isso, insistir na personalização da fé é insistir no ponto-chave de onde pode surgir aquela diversidade que nos torna presença, capazes de um testemunho original na sociedade. Quem não sente a necessidade disso? Nós podemos viver a responsabilidade à qual nos chamou o Papa somente se não considerarmos óbvio o sujeito (isto é, que somos testemunhas apenas pelo fato de dizê-lo), mas aceitamos percorrer aquele caminho que nos tornará testemunhas segundo o desígnio que Deus quiser. O Movimento é o que ajuda a isso e basta – diz Giussani –: ajuda você a ser você mesmo.

“O caminho para a verdade é uma experiência”. Sempre foi assim. “No conceito de desenvolvimento está em jogo a própria vida pessoal de Newman. Isso me parece evidente na sua célebre afirmação, dentro do famoso ensaio sobre *O desenvolvimento da doutrina cristã*: ‘Aqui na terra viver é mudar, e a perfeição é resultado de muitas transformações’”. É Ratzinger que o cita e prossegue: “Newman foi, ao longo de toda a sua vida, uma pessoa que se converteu, que se transformou, e desta forma permaneceu sempre ele mesmo, e tornou-se sempre mais ele mesmo. Vem-me à mente a figura de Santo Agostinho, tão semelhante à figura de Newman. Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho tinha compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatônicos. Pensava que a vida de pecado passada estava agora definitivamente superada; o convertido seria daquele momento em diante uma pessoa completamente nova e diferente, e o seu caminho seguinte teria consistido numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis*: ‘Precisamente como os corpos, logo que recebem o primeiro impulso para baixo, mesmo sem ulteriores estímulos, afundam-se por si mesmos... também, mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas, se eleva constantemente ao de cima de si com um movimento veloz de ascensão... num voo sempre em direção ao alto’. Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve que aprender que ser cristão significa, ao contrário, percorrer um caminho sempre mais cansativo com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída com a de um *iter*, um caminho, de cujas fadigas asperas nos confortam e amparam os momentos de luz, que de vez em quando podemos receber. A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre *desenvolvimento*, e, precisamente assim, maturação da alma para a Verdade, que ‘nos é mais íntima de quanto nós o somos para nós mesmos’”²³.

Esta maturidade acontece através de todas as circunstâncias da vida: “O mundo, com todos os seus terremotos, é instrumento de chamado de atenção de Deus para a autenticidade e a verdade da vida, para todos, mas, em particular, para o cristão, que é como que a sentinela no campo do mundo”. Às vezes esses terremotos nos desconcertam. É normal, como nos

²² L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2012, p. 153.

²³ J. Ratzinger, *Discurso por ocasião do centenário da morte do Cardeal John Henry Newman*, 28 de abril de 1990.

lembra Dom Giussani: “No fundo, como lei, não podemos evitar estar perdidos. ‘O mundo rirá, e vós chorareis’”.²⁴

Tudo o que dissemos nos torna conscientes da nossa necessidade. Esta consciência é decisiva para um gesto como este que estamos para começar. Porque os Exercícios da Fraternidade são mesmo um gesto. Por isso, além da palestra ou da assembleia, são também silêncio, canto, oração, pedido sobretudo. Ao participar de um gesto como este podemos reduzi-lo, e cada um escolhe, segundo o próprio critério, do que participar ou o que seguir de todo o pacote! Como se nós fôssemos ao médico, mas decidíssemos nós mesmos qual remédio tomar. Ao contrário, quanto mais somos conscientes da nossa necessidade, tanto mais tudo o que viveremos nestes dias, todo o sacrifício que faremos, se tornará um grito, um grito para que o Senhor tenha piedade de nós. Peçamos!

²⁴ L. Giussani, “A longa marcha da maturidade”, *Passos-Litterae Communionis*, abril de 2008, p. 31.